

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: ABORDAGENS SOBRE A VARIAÇÃO DIASTRÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO MÉDIO¹

Elizangela Fontes da Silva Belone ²

Haila Katiuscia Batista Reis da Silva ³

Simone Oliveira Thompson de Vasconcelos ⁴

RESUMO:

Este trabalho teve como principal objetivo investigar os estudos sobre as variações linguísticas diastráticas no ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Médio. Partiu-se, então, para a seguinte questão problema: de que modo os estudos sobre a variação diastrática podem ser abordados nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio, com base na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a fim de desconstruir o preconceito linguístico tão arraigado em nossa sociedade? Para que isso fosse possível, realizou-se uma pesquisa acerca de teóricos que discutem sobre a variação linguística e o preconceito linguístico, tais como Bagno (1999), Labov (1972), Martins (2017), Cagliari (2011), Travaglia (2015) e Cyranka (2011), a fim de minimizar esse preconceito, que está geralmente ligado a forma diferentes dos falantes se comunicarem.

Palavras-chave: Variação linguística diastrática; Preconceito Linguístico; Ensino Médio; Base Nacional Comum Curricular

1- INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho é o preconceito linguístico. Para o autor Marcos Bagno (1999), qualquer demonstração de preconceito é consequência de prejulgamento e desconhecimento. A análise desse teórico desperta reflexões acerca da origem da sociedade, visto que, o país é multicultural, e através dessa característica e que acaba refletindo nas variações linguísticas.

Dessa forma, justifica-se pela necessidade de estudar também a variação linguística no ensino da Língua Portuguesa, com as suas respectivas contribuições para o entendimento das variedades linguísticas, visto que, quando não trabalhadas

1 Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Letras do Instituto Federal do Espírito

2 Graduanda em Letras na Instituto Federal do Espírito. E-mail: elizangela.belone@gmail.com

3 Graduanda em Letras na Instituto Federal do Espírito. E-mail: haila_reis@hotmail.com

4 Professora orientadora. Mestre em Educação em Ciências e Matemática pelo IFES. Graduada em Letras pelo IFES. E-mail:simonetvasconcelos@gmail.com

adequadamente no âmbito escolar poderão acentuar o preconceito linguístico, gerando um conflito na forma de como os falantes dialogam.

Sendo assim a questão problema que será analisada durante o nosso trabalho é: de que modo os estudos sobre a variação diastrática podem ser abordados nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio, com base na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a fim de desconstruir o preconceito linguístico tão arraigado em nossa sociedade?

Visando responder essa questão problema, temos que compreender sobre as variações linguísticas diastráticas, no ensino de língua portuguesa para o Ensino Médio. E, para a compreensão desse objetivo geral, foram pesquisados acervos bibliográficos e artigos, que apresentam reflexões relevantes para minimizar o preconceito linguístico, onde foi relacionado o tratamento da variação e do preconceito linguístico na Base Nacional Comum Curricular e como a variação linguística diastrática deve ser trabalhada no Ensino Médio. E dessa maneira o objetivo específico será em analisar uso das variações linguísticas diastráticas nas aulas de língua portuguesa no ensino médio e a investigação acerca do preconceito linguístico. Portanto este trabalho envolverá um assunto polêmico, mas reflexivo buscando evidenciar o preconceito existente entre falantes de uma língua.

Portanto, o presente trabalho organiza-se em cinco seções, sendo a primeira a introdução a qual apresenta o tema a ser estudado, sua justificativa, o objetivo geral e os objetivos específicos.

Na segunda seção, tem-se o referencial teórico apresentando os estudos de Bagno (1999), Labov (1972), Martins (2017), Cagliari (2011), Cyranka (2011), Travaglia (2015). Estes autores apresentaram em seus trabalhos, abordagens do preconceito linguístico e da variação linguística e a suas principais conclusões, sendo esse tema explicitado na Base Nacional Comum Curricular.

A terceira seção trata dos procedimentos metodológicos realizados para qualificar o objeto de estudo, decorrentes de uma pesquisa qualitativa bibliográfica.

E na quarta seção se refere as reflexões dos teóricos, os quais norteiam a temática pesquisada que são Bagno (1999), Labov (1972), Martins (2017), Cagliari (2011), Cyranka (2011), Travaglia (2015) e sendo relacionada as suas concepções pelos autores da revisão da literatura, em que também serviram de subsídios para a nossa pesquisa bibliográfica, que são Silva (2021), Martins (2017), Rique (2012), Policarpo, Canam e Rezende (2019), Dutra e Brito (2020), todos eles tem aproximação ao nosso tema, que trata sobre a variação linguística diastrática no ensino médio. Por fim, a quinta, e a última etapa, que trazem as considerações finais da pesquisa de maneira sintetizada, e que serão propostas pertinentes para os trabalhos decorrentes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO OU REVISÃO DE LITERATURA

O presente trabalho reflete sobre o preconceito linguístico e está intimamente associado à variação linguística, temáticas muito próximas, ou seja, o preconceito linguístico acontece por desconhecimento das variações linguísticas e das abordagens linguísticas que podem ocorrer.

2.1 Preconceito Linguístico

Mesmo após inúmeros estudos acerca do preconceito linguístico, é possível observar que desde o seu contexto histórico ainda persiste um conflito entre o uso da língua com a gramática normativa.

Como afirma Bagno (2013) apud Silva (2014),

Marcos Bagno compara a gramática à palavra indígena igapó. Na região amazônica, quando ocorrem as cheias, criam-se às margens dos rios os igapós, esses são águas paradas que não se renovam até as próximas cheias. Bagno diz que os rios são as línguas, que estão em constante movimento e mudança, sempre se renovam; ele compara os igapós às gramáticas que buscam normatizar o uso da língua por meio de regras, porém não conseguem com plena eficácia, pois a língua (rio) falada está em constante movimento e renova-se sempre (SILVA, 2014, p. 24).

Conforme o entendimento de Silva (2014), as línguas sofrem mudanças na maneira de falar. Para ele essas variações não podem trazer nenhuma discriminação na forma

de usar, para esse autor o uso da língua tem que ser respeitado desde a sua origem e até nas suas reformulações. Dessa forma esse autor compara a língua como o Bagno (1999), pois este relaciona a língua como um enorme *iceberg* que flutua no mar que refere-se ao tempo, e quanto a gramática normativa e associada uma pequena parcela considerada pelo seu prestígio social, a denominada norma culta.

Conforme o entendimento de Bagno (1999), foram analisadas um de seus mitos do preconceito linguístico, Mito nº 07 que declara: “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”. Para esse autor esse mito acaba gerando o autoritarismo entre a fala dos professores, como em gramáticas e até pelos pais de alunos que ameaçam em retirar o seu filho daquela instituição se o educador não ensinar o que está previsto nessa declaração, ou seja, isso tudo além de gerar uma declaração equivocada causará o preconceito linguístico.

Portanto, esse autor entende que essa declaração não tem o seu valor, para ele não se pode atribuir de maneira autoritária uma gramática normativa que visa garantir a existência do único padrão linguístico. Para ele, a não uniformidade será em relação aos seres humanos, que poderão não serem indivíduos tanto na sua forma física como também na questão da classe social.

Bagno (1999), reitera em dizer que a língua falada pela maioria da sociedade é o português, desse modo para ele a língua portuguesa apresenta um alto grau de diversidade, não só pela grande extensão territorial que gera desigualdade regional, mas por aqueles que possui prestígio social e que acaba sendo o contraste pela sua renda e pela maioria da população, consideradas vítimas do preconceito por não falarem conforme a norma culta estabelecida.

Para ele, esse contraste social pode gerar um verdadeiro preconceito linguístico entre os falantes das variedades não padrão e com a norma padrão, podendo ocorrer um verdadeiro abismo linguístico.

E já Martins (2017) reflete sobre o preconceito linguístico na sociedade, e diz que o preconceito linguístico é:

O julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala [...] depreciando-se a língua,

deprecia-se o indivíduo, sua identidade, sua forma de ver o mundo [...] O preconceito linguístico- o mais sutil de todos- eles atingem um dos mais nobres legados do homem, que é o domínio de uma língua. Exercer isso é retirar o direito de fala de milhares de pessoas que se exprimem em formas sem prestígio social. Não quero dizer com isso que não temos o direito de gostar mais, ou menos, do falar de uma região ou de outra, do falar de um grupo social ou de outro. O que afirmo e até enfatizo é que ninguém tem o direito de humilhar o outro pela forma de falar. Ninguém tem o direito de exercer assédio linguístico. Ninguém tem o direito de causar constrangimento ao seu semelhante pela forma de falar (MARTINS, 2017, p.06)

Martins (2017) diz que o preconceito linguístico envolve o deboche da língua materna do indivíduo sobre a obrigatoriedade de uma língua exclusiva, sendo assim ela entende que não existe uma única norma padrão tanto para a fala como para escrita e sim variedades linguísticas do indivíduo, ou seja, a sua linguagem tem que ser respeitada para que não ocorra qualquer tipo de violência, seja física, verbal ou psicologia em relação a qualquer aspecto que pertença a sua comunicabilidade e a interação social.

Martins (2017), além de demonstrar que existe o preconceito, diz que ele pode ser combatido com base no entendimento de Paulo Freire (1980), que utiliza em sua pedagogia freireana uma proposta de intervenção com linguagem e o diálogo, sendo primordiais na relação entre o docente e o aluno.

Para esses autores, os docentes devem sempre acolher e respeitar as diferenças na questão dos níveis da linguagem daquele aluno, devem incluir todos os “falares”, desse modo haverá a inclusão do aluno que apresenta um falar diferenciado, oriundo da comunidade que ele vive. Em decorrência disso, Bagno (1999) diz:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão.

Nessa medida, esses autores corroboram sobre a importância da língua, pois ela está diretamente ligada ao preconceito linguístico, essa discriminação predomina em vários grupos apontados como de menor prestígio social, no qual a língua é servida

como instrumento por distinção social. Entretanto, vale ressaltar que todas as variações linguísticas são permitidas e devem ser consideradas aspectos culturais e não um impedimento.

2.2 Variação Linguística

Muitas vezes, deparamos com estudantes que encontram dificuldades de escrever a norma padrão ou culta, porque já utilizam em sua rotina a linguagem coloquial. Sendo assim eles não estão acostumados com a linguagem formal, dessa forma isso refletirá nos aspectos culturais, sociais e históricas, que são derivadas das variações linguísticas, gerando para ele graves consequências na sua aprendizagem.

Então, cabe ao docente explorar nas aulas de Língua Portuguesa, a interação do aluno com o uso da linguagem padrão, não se desfazendo da linguagem utilizada pelo mesmo, como também a utilização da variação linguística, pois além de ser necessária a compreensão dessas transformações, os alunos também irão entender que a reprodução da língua coloquial para a língua culta é indispensável, pois a maneira deles falarem tem que ser respeitada.

Sendo assim a variação linguística não deve ser apontada como “erros” gramaticais pelos professores de Língua Portuguesa, pelo contrário elas podem ser utilizadas na sala de aula.

Liz e Trindade (2016, p.07) afirmam que

De acordo com Cagliari (2011), é necessária uma sólida base linguística para que o professor possa ensinar português sem reproduzir tradições de ensino superadas e equivocadas e sem acolher concepções ultrapassadas de língua, já que as consequências de uma base linguística pouco consistente são crianças que acabam os anos iniciais com traumas de se exporem oralmente, com baixas habilidades em leitura e escrita.

Liz e Trindade (2016) afirmam que para que haja o ensino principalmente do português tem que haver um preparo linguístico sólido baseado em acolhimentos que não prejudique o ensino daquele aluno, ou seja, esse educador tem que estar atento o modo de trabalhar como em considerar que o uso da variação linguística é adequada, diante disso esse aluno não terá desmotivação pelo seus estudos.

Mesmo após estudos, ainda existem esses impactos que são vislumbrados até hoje, pois a docência que supervalorizar a escrita em detrimento da oralidade, adotando muitas vezes concepções desastrosas de achar que a fala está no lugar das irregularidades, enquanto apenas a escrita respeita as regras.

Conforme o entendimento de Liz e Trindade (2016), para que ocorra uma metodologia eficiente para aquele determinado ensino, o professor além de ser um acolhedor ele terá que observar as constantes transformações do seu aluno, para que não ocorra um ensino fracassado. E para que esse docente transforme essa situação e preciso que ele haja com prudência ao relacionar a gramática normativa em sala de aula, pois neste caso a gramática necessitará de ser revista a partir do pressuposto de que os seus alunos serão motivados pelos embasamentos de seus professores.

Quanto a esse entendimento, Cyranka (2011, p.131) também compreende que “[...] é preciso construir caminhos para que uma educação linguística seja efetivada na escola de tal modo que propicie a todos os alunos o acesso à variedade culta da língua sem que isso implique na necessidade de abandonar sua variedade vernacular”. Baseando nas considerações desses autores, entendemos que a língua está em constantes transformações, ou seja, ela está sempre se reinventando, e com isso o ensino, não pode considerar com um fracasso as transformações da linguagem, e sim valoriza-las pelos diferentes grupos sociais.

Da mesma forma Oliveira e Nascimento (2017) enfatizam que a variação linguística está imbricada nos aspectos políticos, culturais e econômicos. Ainda, acerca dos valores da língua ela não pode estar simplesmente sozinha e sem fazer jus a fatores que realmente colaboram pela formação convincente dos falantes.

E Travaglia (2015, p.9) diz sobre os conhecimentos linguísticos do professor e do aluno que pode:

[...] contribuir para que o processo de alfabetização, mas sobretudo o de letramento, sejam processos de maior qualidade levando a um melhor domínio da modalidade escrita da língua como consequência do domínio, mas amplo dos processos funcionais e significativos de diferentes recursos, regras e princípios da língua.

Nesse sentido, esses autores destacam que cabe ao professor ensinar ao aluno a importância de adequar a fala em seus diferentes níveis, sendo assim o educador

poderá utilizar na sala de aula o uso da interação com o seu educando, para que assim ele aprenda a adequar a modalidade da língua e sobretudo destacar o respeito sobre as diferenças da fala e o seu reflexo na Língua Portuguesa.

2.3 Sociolinguística Educacional

Nesta etapa, abordaremos uma breve reflexão a respeito da Sociolinguística no espaço da sala de aula, onde possa servir de contribuição a sua utilização para a Língua Portuguesa e para os alunos do ensino médio.

É por meio do exercício da linguagem que o homem constrói e reconstrói sua relação com a natureza e com outros da sua espécie. Através dessa ideia, Labov (1972) afirma que por vários anos, resistiu ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social, ou seja, para esse autor, o indivíduo constrói e se reinventa pelo seu convívio social mediante a fala que tem relação entre a língua e a sociedade, ou seja, a língua sofre transformações, conforme o contexto social que o falante participa.

Labov (1972) além de valorizar a variação linguística, ele também associa a sociolinguística com a heterogeneidade linguística, e a sua finalidade é investigar a língua em situações concretas de uso, dessa forma ele relaciona os aspectos sociais e linguísticos nas situações de fala, ou seja, para ele uma mesma língua é utilizada em circunstâncias distintas, ele entende que é impossível não relacionar a estrutura social do qual o falante está inserido, para esse autor, a língua e a sociedade não podem ser compreendidas separadamente.

Acerca disso, a Sociologia apresenta como o seu objeto de estudo a variação diastrática, que segundo Santos e Melo (2019, p. 122), “explicita uma série de variáveis sociais que condicionam a variação linguística, sendo elas o grau de escolaridade, através do qual se supõe que falantes altamente escolarizados dificilmente irão produzir formas típicas de falantes não escolarizados, como nós vai ou a gente vamos; a variável sexo/gênero”. Dessa forma o autor refere-se as variações

diastráticas como sendo aquelas pertencentes aos grupos sociais, à faixa etária, profissão de forma predominante.

Com base no entendimento desses autores, sabemos que a Sociolinguística está imbricada com a variação linguística, dessa forma a escola irá trabalhar sobre as diferentes formas de utilizar a língua, diante disso, os docentes estarão cientes dessa diversidade linguística, pois os mesmos refletirá com os seus alunos sobre as várias maneiras de se pronunciar a mesma coisa, ou seja, para esse autor a escola também incentivará a variação linguística, e a sua utilização além de ser criativa será eficiente para as aulas de Língua Portuguesa, contribuindo dessa forma o uso seguro da língua.

2.4 Variação Linguística na Base Nacional Comum Curricular

Sendo assim será analisada neste trabalho a variação linguística à luz da Base Nacional Comum Curricular, considerada uma referência normativa para a composição dos sistemas de ensino brasileiro, que será pertinente para a compreensão do nosso trabalho.

Pensando nisso, Menezes, Santos e Silva (2020) consideram que a variação linguística foi tratada e orientada no novo guia educacional, dentro das séries do Ensino Médio. Consideram que a BNCC apresenta a importância de se trabalhar a variação linguística em sala aula, tendo como base esse entendimento, é “permitido analisar e orientar possíveis progressões na definição anual dos currículos e das propostas pedagógicas de cada escola”. (MENEZES, SANTOS E SILVA, 2020, p.331).

Dentre as competências mencionadas na Base Nacional Comum Curricular, encontra-se a competência específica de número 04, na qual aborda sobre a importância de o estudante conhecer e compreender a heterogeneidade de uma língua. Compreender as línguas como fenômeno (geo) político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. (MENEZES, SANTOS E SILVA, 2020, p. 331).

Para essas autoras, a BNCC diz em seu texto que a variação linguística estará relacionada nas aulas de Língua Portuguesa, no Ensino Médio, sendo ela presente em qualquer comunidade linguística.

Nesse sentido a BNCC, destaca sobre o tema à diversidade cultural, dizendo que: “estima-se que: mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades” (BRASIL, 2017, p.70).

Dessa forma, essas variações linguísticas consideradas com patrimônio cultural ainda é desconhecida por uma parcela da população brasileira, por isso compete à escola: “[...] conhecer e valorizar essa diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico” (BRASIL, 2017, p.70).

Assim, o reconhecimento e valorização da variação linguística em consequências de questões sociais estão presentes e são preocupações da BNCC no Ensino Médio. A proposta curricular para Língua Portuguesa para cada etapa de ensino foi elaborada a partir das práticas de linguagem, objetos de conhecimento e habilidades. No quadro abaixo, apresentam-se esses segmentos nas turmas de ensino médio: variação linguística na proposta curricular da BNCC para o Ensino Médio.

SÉRIE	HABILIDADES
Ensino Médio	(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.
	(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico.

Fonte: Brasil (2017)

A Base Nacional Comum Curricular, é o documento fundamental para o trabalho educacional, ela declara a necessidade e importância da presença da variação linguística nos currículos escolares da disciplina de Língua Portuguesa, essa

prioridade aparece nas competências específicas e nas habilidades fundamentais para formação integral do aluno no ensino médio.

Dessa forma, os livros didáticos utilizados pela escola, devem seguir como parâmetro as orientações dada pela Base Nacional Comum Curricular em abordar de forma adequada e com clareza os valores sociais e as variedades estigmatizadas, pois, pela conscientização é possível amenizar o preconceito linguístico que acomete a sociedade, em virtude da falta de reconhecimento da diversidade linguística existente no Brasil.

Além da BNCC prevê a variação linguística como sendo fundamental para a Língua Portuguesa, existem outras diretrizes que também mencionam como os Parâmetros curriculares nacionais, publicados pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1988, que diz:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todo os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente as prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta a análise empírica dos usos da língua.” (BRASIL, 1988, pág.29).

Dessa forma tanto a Base Nacional Comum Curricular e os Parâmetros Curriculares Nacionais, são importantes para o funcionamento da educação Brasileira, eles têm como o objetivo de amenizar o preconceito linguístico e dar acesso a todas as pessoas a um ensino eficiente e de qualidade.

Sabe-se que a organização da fala, seja na opção de palavras para saber articular, como na linguagem escrita, decorrem de “sociedades letradas” que utilizam de forma intensa a escrita, estabelecendo um padrão diferenciado e com regras inflexíveis para aqueles que sofrem o preconceito, para essa sociedade essas regras tem que ser imposta para todo o tipo de língua.

E sobre isso, que venha ser expresso pela gramática tradicional, que nela encontramos regras rigorosas sobre o uso da gramática tradicional, podendo deixar a entender que a maioria das pessoas não fala “corretamente no Brasil. Dessa forma,

entende-se que é muito difícil escrever como fala, mesmo em circunstâncias que obrigam o falante a isso, sendo assim percebe-se que o ensino exclusivamente dessas regras consideradas sábias pela sociedade letrada, pode não proporcionar um ensino efetivo da língua.

Dessa forma os autores Branco, Branco, Iwasse e Zanatta (2018), dizem que ao contrário que propõem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Reforma do Ensino Médio de Lei nº 13.415/2017, a educação brasileira é permeada por disputas entre diversos segmentos, sobretudo, com interesses opostos, ou seja, a formação dos indivíduos atendem aos anseios da comercialização, sendo necessário compará-los pela mão de obra flexível e barata, para que possam ter o seu valor, infelizmente isso tem se enraizado vertiginosamente diante da crise do capital e da situação financeira que o país e o mundo atravessam, sendo assim urge para os empresários a reforma educacional brasileira, desde que atenda aos seus interesses.

3- METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia seguida por esta pesquisa, foi a qualitativa bibliográfica, sendo realizada pelo *Google Scholar*, onde optamos em pesquisar o “Preconceito Linguístico” e “Variação Linguística Diastrática”, onde foram encontrados por essas palavras-chaves livros e artigos que serviram de respaldo para a nossa pesquisa. Sendo assim trata-se de um gênero de estudo que analisa documentos de domínio científico. Desta forma baseia-se em discussão científica da pesquisa, em conformidade com a teoria. Dessa forma, Gil (2008) compreende que, “[...] não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores. Assim, a análise dos dados na pesquisa qualitativa passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador”.

Segundo Marconi e Lakatos (2010), a seleção do instrumental metodológico deve estar

[...] diretamente relacionada com o problema a ser estudado; a escolha dependerá de vários fatores relacionados com a pesquisa, ou seja, a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa, os recursos financeiros, a equipe humana e outros

elementos que possam surgir no campo da investigação. Tanto métodos quanto técnicos devem adequar-se a problema a ser estudado, às hipóteses levantadas e que se queira confirmar, ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 147).

A metodologia da nossa pesquisa se aproxima desses autores, pois os mesmos utilizam o domínio do seu objeto de estudo, em pesquisas pelas palavras-chaves, na pesquisa qualitativa o pesquisador tem que ser ágil e perceptível para dominar a sua pesquisa.

Para explicar o percurso metodológico dessa pesquisa, foi realizado na primeira etapa, um levantamento bibliográfico entre autores como Bagno (1999), Labov (1972), Martins (2017), Cagliari (2011), Cyranka (2011), Travaglia (2015). Estes autores apresentaram nos seus trabalhos abordagens do preconceito linguístico e da variação linguística, que serviram de base para a elaboração do referencial teórico.

Em um segundo momento, foi realizada uma consulta bibliográfica no *Google Scholar*, dessa forma optou-se por pesquisar pelas palavras-chave “Preconceito Linguístico” e foram identificados 16.100 resultados e dessa maneira realizamos uma outra consulta pelo *Google Scholar*, sobre a “Variação Linguística Diastrática” e que foram encontrados 3.660 resultados.

Através dessa pesquisa, foram selecionados 05 (cinco) trabalhos que falam sobre o preconceito linguístico e variação linguística diastrática, como a exposição de estudos que servirão para a construção da nossa revisão de literatura.

Nessa etapa, acontece a seleção do primeiro trabalho a ser analisado a sociolinguística e a intervenção da escola no combate ao preconceito linguístico. A autora desse trabalho, Silva (2021) defende a ideia de que a maneira de falar muitas vezes está relacionada com a cultura de cada região, sendo assim o docente deve ter noção de que embora exista uma linguagem cultural, existem outras formas linguísticas dentro da cultura e costumes de cada um.

Quanto ao segundo trabalho, de Martins (2017), em que ela expõe nesse artigo a relação entre o preconceito linguístico com a educação, ela apresenta como estudo nessa combinação a teoria sociolinguística com a pedagogia freireana (Freire, 1980), utilizando debates entre docentes e alunos sobre o conceitos de variações e

preconceito linguístico. Com isso o seu trabalho gerou transformações quanto ao novo olhar do professor e alunos sobre a existência e malefícios do preconceito linguístico. O trabalho dessa autora demonstra que além de existir o preconceito, ele pode ser combatido com base no entendimento de Paulo Freire, em que o mesmo utiliza como proposta a aproximação da linguagem e o diálogo, sendo importantes para a interação entre o docente o aluno.

E no terceiro trabalho, especificamos outro artigo, de Rique (2012), ela propõe uma discussão contra os malefícios que o preconceito linguístico pode ocasionar no aluno e demonstrar que não há relevância sobre esse desprezo, haverá situações que podem ser relacionadas nessa discussão que são os fenômenos variáveis. Devida essa situação, os docentes terão auxílio para praticar um ensino relacionado na questão da diversidade e dessa forma, os mesmos utilizarão meios que possam coibir qualquer tipo de preconceito relacionado a escola como também aquilo que possa ser um erro pela própria gramática normativa. O objetivo desse artigo é apreciar e respeitar comunicação de cada indivíduo seja na escola e sociedade, entender que a variação está em constante movimento, não existindo uma língua melhor do que outra, a variedade linguística também serve de apoio para as comunidades de onde aquele indivíduo convive. Outro fator importante nesse artigo é que o preconceito linguístico acontece por falta informações sobre a desigualdade, com base no artigo entendemos que para que o preconceito seja minimizado terão que existirem ações que possam ser desenvolvidas em sala de aula para dar todos os alunos informações coerentes sobre os fenômenos linguísticos.

No quarto trabalho, destacamos, as autoras, Policarpo, Canam e Rezende (2019), que utilizaram como o título do seu trabalho o preconceito linguístico na concepção de Marcos Bagno. Nesse artigo existe a importância das variedades relacionada a língua materna, o olhar da sociolinguística e sendo conversada com autores que tem o mesmo entendimento teórico, dentre eles o Marcos Bagno, ele utiliza a aproximação do preconceito social e linguístico, para que sirva de reflexo no ensino. No ponto de vista deste autor, qualquer manifestação acerca do preconceito é resultado de intolerância e ignorância. Porém, a observação do teórico estimula reflexões acerca da organização da nossa sociedade, uma vez que, o país é multicultural, e essa individualidade ocorrerá sobre as variações linguísticas. Portanto, entendemos como

esse autor, que a formação e atuação do docente é indispensável para a compreensão da língua materna e de toda a sua estrutura, além disso o ensino ultrapassa às práticas pedagógicas, priorizando a língua, sendo flexível, heterogênea e dinâmica e que as variantes estão relacionadas a identidade sociolinguística do aluno.

E no quinto e último trabalho, destacaremos os autores Dutra e Brito (2020), que defendem a importância do ensino da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio e os tipos de variação linguística como a: diatópica ou geográfica, diastrática, diafásica e diageracional. Dentre esses tipos o que mais se aproxima do nosso trabalho é a variação diastrática, nela iremos demonstrar a sua importância e as diferentes características sociais de cada falante. Nesse caso será importante trabalhar sobre as variantes, onde serão assegurados aos alunos não só o conhecimento dos fenômenos relacionados à língua que falam, mais o reconhecimento sobre a importância de entender a variação diastrática ao invés de eternizarem, de maneira precipitada, comportamentos que gerem o preconceito pelo uso linguístico, dessa forma, será apresentada a heterogeneidade linguística para que não haja a discriminação dos falantes sobre as demais variantes.

4. REFLEXÕES A PARTIR DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Nessa seção serão apresentadas as reflexões dos artigos encontrados, de acordo com o que está no referencial teórico.

A autora Silva (2021), utilizou em seu artigo o desenvolvimento da sociolinguística para o combate do preconceito linguístico na escola e a conscientização sobre as variedades da língua, onde deve ser respeitada para que ocorra a diminuição da discriminação social.

E quanto ao Labov (1972), ele defende a ideia de associar a sociolinguística com a variedade linguística, para ele o objetivo é analisar a língua em situações distintas, onde a língua sofre constantes mudanças. Para esse autor é impossível não associar a estrutura social do qual o falante está atuando, pois ele entende que a relação da

língua com a sociedade já vem de fatores históricos e culturais, e se não foram relacionados com a língua, a mesma não será considerada heterogênea.

Dessa forma o entendimento da autora, se aproxima da sociolinguística variacionista de Labov (1972), para a questão da diminuição do preconceito linguístico na escola. Para ela a escola tem a oportunidade de relacionar a língua como um sistema heterogêneo, não desprezando dessa forma a variação linguística pois ela será essencial para o funcionamento de uma língua. Através disso é importante que os docentes utilizem o tratamento da sociolinguística aos seus alunos pois além de ajudar a minimizar o preconceito linguístico, ela também não desprezará a norma padrão, pois através dessa conscientização os alunos compreenderão o funcionamento desse processo de comunicação.

A autora Martins (2017) relaciona em seu trabalho a origem do preconceito linguístico na sociedade e o seu término na escola, para ela essa associação tem a ver com a pedagogia freireana (Freire, 1980), bem como a utilização de debates pelos docentes aos alunos em relação as variações linguísticas e o preconceito. A autora além de demonstrar em seu artigo que exista o preconceito na sociedade e na escola, ele pode ser minimizado pelo pensamento de Paulo Freire, em que ele considera como essencial o diálogo entre o docente e o aluno, para ele essa aproximação construirá uma educação libertadora, em que os alunos poderão ter uma participação ativa na sua aprendizagem e sobretudo por em questão a realidade.

Liz e Trindade (2016) afirmam que para o aluno entender o uso da língua e as suas variações, o docente não deve priorizar somente as regras normativas, mas deve também acolher a linguagem de seu contexto social, para que evite o prejuízo da capacidade cognitiva e linguística do aluno. Isso quer dizer que, o educador precisa entender que o ensino da língua portuguesa terá êxito quando a escola estimular a oralidade do aluno, para que ele compreenda que a língua é viva e ela está em sucessivas transformações ocorridas ao longo do tempo.

Neste sentido, esses autores se aproximam da pedagogia freireana com a teoria sociolinguística, eles dão a importância sobre o acolhimento entre o docente e o aluno, para eles é necessária a compreensão de sua linguagem, para que dessa maneira os alunos entendam que na fala existem diferentes níveis, e sendo assim o

docente poderá utilizar na aula de Língua Portuguesa o diálogo, para que assim o aluno aprenda a lidar com a fala e principalmente sobre a conscientização das diversidades linguísticas.

Já Policarpo, Canam e Rezende (2019), destacaram a importância das variedades sobre a língua materna e a sociolinguística para o desenvolvimento do indivíduo. Elas também relacionaram em seu trabalho o pensamento de Marcos Bagno (2019), no qual ele diz que qualquer manifestação em relação ao preconceito tem como consequência o desconhecimento.

Nesse sentido, Silva (2014) afirma que as línguas passam pelas transformações de acordo com a fala. Para ele essas mudanças não podem gerar nenhuma discriminação na maneira de usar e a utilização da língua tem que ser respeitada até pelas suas modificações. O autor utiliza no seu trabalho a comparação que Bagno (1999) fez em relação a língua com a norma culta. Ele comparou a língua como enorme iceberg, ou seja, ela estaria flutuando no mar do tempo, e quanto norma culta ele associava a uma pequena parcela considerada pela sua distinção social, para ele essa comparação além de ser intolerante e repressiva ela é geradora do preconceito linguístico.

Desse modo, além desses autores terem aproximação sobre o tema preconceito linguístico, eles utilizaram em seus trabalhos o mesmo teórico que é o Marcos Bagno. Esse autor provocou reflexões na organização da sociedade, como também considerou o nosso país como sendo multicultural, para ele essa foi uma das características que refletiu nas variações linguísticas. Para esse autor, além da língua ser heterogênea e dinâmica, é preciso ter falantes, dessa forma esses aspectos devem estar relacionados com a sociedade, pois será impossível utilizar a língua sem ela.

A variação linguística no ensino médio é considerada uma abordagem fundamental pelos autores Dutra e Brito (2020), defendem a importância de trabalhar a variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio e os tipos de variações dentre elas a variação diastrática. Esses autores também relacionam a importância da variação diastrática, como também falam sobre a variação linguística e a

consciência do preconceito linguístico, fazem uma reflexão sobre a importância do ensino de Língua Portuguesa pela etapa do Ensino Médio.

Reforçando sobre esse entendimento, Cyranka (2011, p.131) diz que

[...] é preciso construir caminhos para que uma educação linguística seja efetivada na escola de tal modo que propicie a todos os alunos o acesso à variedade culta da língua sem que isso implique na necessidade de abandonar sua variedade vernacular.

Para esse autor, a escola tem competência de minimizar as desigualdades sociais, no sentido de oferecer um ensino, em que o docente além de utilizar as variedades linguísticas, ele terá consciência de que o aluno não precisa abandonar a sua linguagem, e dessa forma os alunos além de terem essa conscientização eles saberão respeitar as diferenças sociais do falante, sem que precise hostilizá-los.

Baseado pelas considerações desses autores, entendemos que ambos falam sobre as variações linguísticas, para eles da mesma forma que a norma culta existe as variações também existem. Desta forma, percebe-se que o ensino da variação linguística no Ensino Médio aponta para esses autores uma compreensão vasta da Língua Portuguesa, um estudo que não contempla apenas a variante culta, mas, a variação diastrática ou social em que os autores falam que ela traz diferentes características sociais dos falantes, dentre elas o grau de escolaridade, o nível social e econômico, o gênero e a faixa etária, em que muitas vezes esse tipo de variação é desconhecida pelo falantes menos escolarizados, e sendo, considerada, uma variante escolhida pelo ensino

Nesse entendimento, o ensino da variação diastrática pela etapa do Ensino Médio deve ser respeitada e cedida o seu espaço para o conhecimento do fenômeno da variação. Que além de respeitar o ensino da variedade culta, ela irá analisar de forma ampla os fenômenos linguageiros, para que os alunos tenham conhecimento e respeito dos diferentes grupos sociais contestando, desse modo, o preconceito linguístico.

Em outra discussão compreendeu-se o preconceito linguístico na sociedade, escola e o ensino de português, de Rique (2012), o seu trabalho envolve discussão contra os danos que o preconceito linguístico pode ocasionar para o aluno. A autora aprecia e respeita a fala de cada aluno, para ela a variação está em constante movimento, não

existindo uma língua melhor do que outra e a variação linguística serve de apoio para as comunidades de onde aquele indivíduo se encontra. Outra coisa importante que autora ressalta e que o preconceito linguístico acontece pela falta de informação gerando dessa forma a discriminação, sendo assim a autora tem por objetivo em seu trabalho buscar ações que ajudem a minimizar o preconceito linguístico, e sendo um suporte necessário para a minimização desse preconceito.

Dessa forma, Bagno (1999) analisou em um de seus mitos o preconceito linguístico, Mito nº 07 que declara: “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”. Para ele essa declaração gera em relação a gramática uma prepotência, pois o que está previsto nesse mito, compõem uma declaração errada ocasionando o preconceito linguístico.

Portanto, esses autores não considera a existência de um padrão linguístico singular, de uma única gramática, pois se existisse ela seria um mecanismo de autoritarismo e comando. Infelizmente, para o autor Bagno (1999), esse mito 07 existe pela grande maioria dos professores de português, que inclusive se baseiam em declarações que estão em muitas obras gramaticais.

De acordo com as reflexões desses autores, é preciso que os docentes revejam a maneira que seus alunos conhecerem a linguagem, a escrita e a fala, e que eles investiguem assuntos relacionados a sociologia e a suas respectivas comunidades, para que os seus alunos possam compreender a maneira de ser e entender a sua linguagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões propostas foi possível compreender o processo de formação do preconceito linguístico na sociedade, outro ponto de discussão foi o reconhecimento das diversidades linguísticas e suas relações entre a identidade cultural de um povo. Identificou-se também que a variação linguística diastrática ainda pode ser considerada pouco explorada durante as aulas de Língua Portuguesa, pois, muitas

vezes, elas possuem propostas baseadas em parâmetros curriculares desatualizadas, com percepções arcaicas.

Foi possível compreender que, em contrapartida, a Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio prioriza a necessidade do trabalho educacional voltado ao reconhecimento e valorização da diversidade linguística e sociolinguística, como fruto das questões sociais, com o propósito da compreensão e diminuição do preconceito linguístico. Fato que possibilita o aluno a valorizar sua identidade social, para que ele tenha consciência da importância de compreender a norma padrão da língua e sua utilização, visando assim ele associar a diversidade linguística existente no país.

A escola além de ser um espaço socializador ela também apresenta múltiplas diferenças, dessa forma, ela está aberta as diversidades linguísticas, para o desenvolvimento de cada aluno, para que ele tenha uma formação humana significativa. Dessa maneira é necessário que o professor não fique limitado em utilizar a linguagem padrão e sim conhecer as variações existentes naquele espaço escolar.

Dessa forma, concluímos a importância da escola e dos educadores em apresentarem aos alunos o conhecimento da linguagem padrão, mas não esquecendo e respeitando todas as formas de linguagem, em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular em que relaciona a variação linguística como sendo essencial para a língua portuguesa, e a necessidade de associar também à sociolinguística variacionista pelo o seu reconhecimento na diversidade linguística em decorrência das questões sociais, dessa forma a heterogeneidade linguística irá favorecer a conscientização e a diminuição do preconceito linguístico.

6. REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 49ª edição. São Paulo: Loyola, 1999.

BRANCO, Emerson Pereira, BRANCO, Alessandra Batista de Godoi, IWASSE, Lilian Fávoro Alegrânio e ZANATTA, Shalimar Calegari. **UMA VISÃO CRÍTICA SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR EM CONSONÂNCIA COM A REFORMA DO ENSINO MÉDIO.** Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/5087/pdf_1. Acesso em: 13 de dez. de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Nacional Comum- BNCC, Brasília-DF, 2017.** Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

CYRANKA, Lúcia F. Mendonça. **Dos dialetos populares à variedade culta: A sociolinguística na escola.** Curitiba: Appris, 2011.

DUTRA, Clarice Calista, BRITO, Luan Talles de Araújo. Conedu VII Congresso Nacional de Educação. **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO: UMA ABORDAGEM NECESSÁRIA.** Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA15_ID4419_15082020184649.pdf. Acesso em: 23 de nov. de 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** – 6.ed.- São Paulo: Atlas, 2008.

LABOV, William (1972). Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [**Padrões Sociolinguísticos.** Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

LIZ, Lucilene Lisboa de, TRINDADE, Alessandra Simões. CAGLIARI, Luiz Carlos. **Concepção de língua e desenvolvimento da oralidade na perspectiva do professor dos anos iniciais: transformações necessárias.** Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wpcontent/uploads/2015/11/EIXO6_LUCILENE-LISBOA-DE-LIZ-ALESSANDRASIM%C3%95ES-TRINDADE.pdf. Acesso em: 17 de abr. de 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo, SP: Atlas, 2010.

MARTINS, Maridelda Laperuta, Revista Observatório, Vol. 3, n. 1, Janeiro-Março. 2017 – **O Preconceito linguístico: Origem na Sociedade, Término na Escola.** Disponível em:<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/2887/9589>. Acesso em 24 de out. de 2021.

MENEZES, Bruna Lorryne Dias. SANTOS, Dalve Oliveira Batista. SILVA, Greize Alves da. **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E BNCC: UM OLHAR PARA O ENSINO MÉDIO.** BRASIL, 2017/2018, p. 494. Revista Porto das Letras, Vol. 06, Nº 3. 2020 Léxico e Dialectologia. Disponível em:<file:///C:/Users/HAILA%20REIS/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/BNCC.pdf>. Acesso em: 25 set.de 2021.

OLIVEIRA, Antônio Flávio Ferreira de, NASCIMENTO, Ilderlândio Assis de Andrade. As variedades linguísticas no livro didático Português – linguagens: uma abordagem sociolinguística. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS Porto Alegre**, v. 10, n. 1, p. 336-349, janeiro-junho 2017. Disponível em:[file:///C:/Users/Pessoal/Downloads/24974-Texto%20do%20artigo-122218-4-10-20180102%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Pessoal/Downloads/24974-Texto%20do%20artigo-122218-4-10-20180102%20(1).pdf). Acesso em 17 de abr. de 2021.

POLICARPO, Luma Kathyn Silva, CANAN, Soila, REZENDE, Bibiana Anjos, **Seminário de Formação do Cefapro- O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA CONCEPÇÃO DE MARCOS BAGNO.** Disponível em <http://periodicos.cefaprorondonopolis.com.br/index.php/semfor/article/view/72/56>. Acesso em 24 de out. de 2021.

RIQUE, Itamara Jamilly C. - **PRECONCEITO LINGUÍSTICO: SOCIEDADE, ESCOLA E O ENSINO DE PORTUGUÊS.** Disponível

em:<http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne2012/Arquivos/%C3%A1reas%20tem%C3%A1ticas/Sociolingu%C3%ADstica%20e%20Dialetologia/Itamara%20Jamilly%20C.%20Rique%20%20PRECONCEITO%20LINGU%C3%8DSTICO%20SOCIEDADE,%20ESCOLA%20E%20O%20ENSINO%20DE%20PORTUGU%C3%8AS.pdf>.

Acesso em 24 de out. de 2021.

SANTOS, Aymmé Silveira; MELO, Raniere Marques de. **O ensino da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular**. Entrepalavras, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 115-132, set-dez/2019. Disponível em: <https://1library.org/document/zp23exry-o-ensino-variacao-linguistica-base-nacional-comum-curricular.html>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

SILVA, Altemar Gonçalves da. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. PRECONCEITO LINGUÍSTICO**: Um panorama histórico do Latim ao Português Brasileiro, Brasília, julho de 2014. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8227/1/2014_AltemarGon%c3%a7alvesdaSilva.pdf. Acesso em 17 de abr. de 2021.

SILVA, Maria Luciléia Gonçalves da, **PRÁTICAS EDUCATIVAS, MEMÓRIAS E ORALIDADES Rev.Pemo –Revista do Pemo- O papel da escola como instrumento de combate ao preconceito linguístico**. Disponível em:<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/4614/3925>. Acesso em 24 de out. de 2021.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Letramento e conhecimento linguístico**. Revista Letras & Letras. v. 31, n. 3, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras>. Acesso em: 04 de nov. de 2021.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Haila Katiuscia Batista Reis da Silva e Elisângela Fontes da Silva Belone

“PRECONCEITO LINGUÍSTICO: ABORDAGENS SOBRE A VARIÇÃO DIASTRÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO MÉDIO”

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de ARTIGO, apresentado à Coordenadoria do Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português, na modalidade EAD – do Instituto Federal do ES – IFES -Campus Vitória – ES, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Aprovado em 10 de dezembro 2021

COMISSÃO EXAMINADORA

Simone Oliveira Thompson de Vasconcelos
Nome do orientador

Thiago Zanotti Pancier
Nome do Membro da banca 1

Helton Andrade Canhamaque
Nome do Membro da banca 2

Observação: As assinaturas da Comissão Examinadora estão na ATA FINAL, anexada ao ARTIGO, abaixo desta Folha de Aprovação. No Curso de Letras EAD, partir de 2020.1 (Covid), o orientador assina por todos os membros da banca.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS VITÓRIA

Avenida Vitória, 1729 – Bairro Jucutuquara – 29040-780 – Vitória – ES

LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS - EAD

ATA DE APRESENTAÇÃO E ARGUIÇÃO ORAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - FINAL

Aos dez dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e um, no horário de 20 horas e 30 minutos. reuniu-se via web a **Banca Examinadora composta pelos professores:**

Orientador(a): Simone Oliveira Thompson de Vasconcelos

Professor convidado 1: Thiago Zanotti Pancieri

Professor convidado 2 : Helton Andrade Canhamaque

para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Letras/EAD intitulado “Preconceito Linguístico: Abordagens sobre a variação diastrática no ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Médio”

de autoria do (s) aluno (s) : Haila Katiúscia Batista Reis da Silva e Elisângela Fontes da Silva Belone

O (a) presidente da banca examinadora, professor (a) orientador (a), após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares da apresentação do TCC, passou a palavra para o (a) estudante, para a apresentação de seu trabalho por 10 minutos, no máximo. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do estudante. Logo após, os examinadores se reuniram, sem a presença do estudante e do público (offline), para julgamento e expedição do resultado. Finalizada a análise da Banca Examinadora, o (s) aluno (s) foi considerado:

APROVADO SEM RESTRIÇÃO COM NOTA 90,0 (Noventa)

APROVADO COM RESTRIÇÃO*, COM NOTA _____

O resultado será comunicado publicamente ao estudante pelo Presidente da banca. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada e foi lavrada a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da banca avaliadora.

Professor (a) orientador (a) *Simone Oliveira Thompson de Vasconcelos*

Professor (a) Convidado (a) 1 *Thiago Zanotti Pancieri*

Professor (a) Convidado (a) 2: *Helton Andrade Canhamaque*

Vitória, ES, 10 de dezembro de 2021.

*** EM CASO DE APROVAÇÃO COM RESTRIÇÃO, ESPECIFICAR ABAIXO O QUE SERÁ PRECISO MELHORAR/REFAZER NO ARTIGO.**